

## Locuções: aprofundando-se em aspectos definicionais e categoriais

### Locutions: delving into definitional and categorical aspects

*Thyago José da CRUZ\**

---

**RESUMO:** Este trabalho pretende conceituar e classificar o que seja o termo “locução”, no âmbito dos estudos fraseológicos, a partir do prisma teórico de Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) e Ruiz Gurillo (2001). Essas unidades fraseológicas compostas de duas ou mais palavras funcionam dentro dos limites de uma oração, em blocos e possuem sentidos unitários. As suas classificações se fundamentam, principalmente, em aspectos funcionais (isto é, as funções sintáticas exercidas pelas categorias nome, adjetivo, advérbio, preposição ou conjunção). Contudo, ressalta-se que aspectos contextuais também devem ser considerados. Aproveita-se ainda, em uma discussão breve e introdutória, para se examinar as aproximações e fronteiras existentes entre as locuções e as expressões idiomáticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Léxico. Fraseologia. Unidades Fraseológicas. Locução. Classificação.

---

**ABSTRACT:** This work intends to conceptualize and classify what the term “locution” is, within the scope of phraseological studies, from the theoretical perspective of Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) and Ruiz Gurillo (2001). These idioms composed of two or more words, they work within the limits of a sentence, in blocks and they have unitary meanings. Their classifications are mainly based on functional aspects (that is, the syntactic functions performed by the categories name, adjective, adverb, preposition or conjunction). However, it is emphasized that contextual aspects must also be considered. In a brief and introductory discussion, there is also an opportunity to examine the approximations and boundaries between the locution and idioms.

**KEYWORDS:** Lexicon. Phraseology. Phraseological Units. Locution. Classification.

---

## 1 Introdução

A proposta deste trabalho consiste em apresentar algumas definições e classificações sobre a unidade fraseológica denominada de locução. Cruz e Marques (2017)

---

\* Doutor em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras (CPTL/UFMS), professor da Faculdade de Educação (FAED/ UFMS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5562-8485>. [thyago.cruz@ufms.br](mailto:thyago.cruz@ufms.br)

disponibilizaram uma discussão acerca desse tema, mas restringiram-se à teoria de Casares Sánchez (1992). Neste artigo, pretende-se aprofundar o conceito de locução a partir de três outras visões, ora complementares ora distintas, a saber: Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) e Ruiz Gurillo (2001).

Reconhece-se que nos estudos em Fraseologia no Brasil, o emprego do termo “locução” é bem menos frequente que “expressão idiomática” (FONSECA, 2018). Por isso, destina-se o primeiro tópico à delimitação do que se considera nesta pesquisa como locução e como expressão idiomática. Logo após isso, demonstram-se as discussões teóricas acerca daquelas.

## **2 Locuções e expressões idiomáticas: referem-se às mesmas unidades fraseológicas?**

Antes de discutir sobre o conceito fraseológico de locução, faz-se necessário destacar a existência de dois termos mais usuais, em língua portuguesa, que potencialmente remetem a esse tipo de unidade fraseológica.

Conforme Pamies (2014), rivalizam-se, em português, os termos locução, empregados, por exemplo, por Câmara Cascudo (1986); Jorge (2012) e Ranchhod (2003), Cansação e Marques (2015), Marques e Isquerdo (2019), Cruz (2020) e expressão idiomática (como se percebe em ORTIZ (2000); XATARA (1998); TAGNIN (1989), MONTEIRO-PLANTIN (2014), por exemplo). Corpas Pastor (1996), embora tenha em conta que o primeiro se configura como termo alternativo para o segundo, prefere empregar o termo “locução” a fim de evitar que fossem consideradas sob essa denominação somente as unidades de caráter conotativo.

Xatara (1998, p.17), ao definir as expressões idiomáticas como uma “lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”, destaca a relevância para a classificação desse tipo de unidade, ademais da fixidez e a indecomponibilidade, o seu caráter metafórico (também reconhecido como idiomatidade, ou caráter conotativo, de sentido figurado), como “nem que a vaca tussa”.

Tagnin (1989) avalia a existência de expressões convencionais (de sentido mais transparente ou até literal, como “de mal para a pior”) e as expressões idiomáticas, que não são composicionais, nem transparentes (“bater as botas”). A autora defende ainda graus da idiomaticidade, isto é, expressões menos idiomáticas (“partir deste mundo”, referindo-se a morrer) e as mais idiomáticas (“vestir o paletó de madeira”).

Vilela (2002) acredita serem as expressões idiomáticas aqueles fraseologismos de estrutura estável, pluriverbal, mas cujo traço de idiomaticidade se configura como fundamental para a sua definição. Locução, portanto, seria um termo mais abrangente, pois inclui não somente as unidades pluriverbais, dotadas de fixidez e de idiomaticidade (como “acordar com o pé esquerdo”), mas também aquelas cuja metaforicidade, compreendida em seu sentido amplo, não seja um traço exclusivo (como “ainda que” ou “no entanto”).

Sabino (2011, p. 398), sobre essas semelhanças e diferenças entre as locuções e as expressões idiomáticas, em concordância com alguns pontos levantados por Corpas Pastor (1996), Xatara (1998) e Tagnin (1989), sintetiza que:

o termo a locução (conforme entendida por Corpas Pastor) pode ou não ter sentido conotativo ou metafórico (isto é, pode ser uma locução idiomática ou não idiomática). Já a expressão idiomática, como o próprio nome sugere, tem sempre sentido opaco ou idiomático, em maior ou menor grau [...] Portanto, toda EI [expressão idiomática] pode ser considerada uma locução, mas nem toda locução é uma EI.

Diante disso, adota-se, neste trabalho, o termo “locução” para as unidades fraseológicas que contenham as características apontadas pela autora anterior e outras que estão mais bem detalhadas no decorrer deste artigo. Já sobre expressão idiomática, concorda-se com Corpas Pastor (1996), Sabino (2011) e Vilela (2002), os quais defendem que a presença da metaforicidade é fundamental para esse tipo de fraseologismo.

Quanto ao uso do termo “expressão idiomática”, em pesquisas realizadas no Brasil, nota-se que é um dos termos mais empregados (cf. FONSECA, 2018). Contudo,

no ponto de vista desta pesquisa, julga-se necessária uma delimitação mais rígida, assim como procederam os três teóricos apontados no parágrafo anterior. É importante ressaltar também o cuidado de não se tomar essas duas denominações como termos alternativos, assim como procedeu Corpas Pastor (1996), haja vista que locução se configura como um termo hiperonímico.

Após discutir e estabelecer a distinção entre locução e expressão idiomática, passa-se à conceituação da primeira sob o prisma da Fraseologia, focado em nomes de referências nos estudos fraseológicos: Zuluaga (1980); Corpas Pastor (1996) e Ruiz Gurillo (2001).

### **3 A definição de “locução” segundo Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) e Ruiz Gurillo (2001)**

Zuluaga (1980) concorda com a definição de Casares Sánchez (1992) sobre o que sejam as locuções, isto é, trata-se de uma combinação estável de duas ou mais palavras, que funcionam em um âmbito oracional, possuem um sentido unitário e são reconhecidas por uma comunidade de falantes. Zuluaga julga que essa definição deva ser mantida como um ponto de partida, para que, posteriormente, se possa teorizar e aprofundar sobre essas unidades fraseológicas. Este linguista divide as unidades fraseológicas por meio de dois critérios principais: uma classificação baseada nos traços de estrutura interna dos fraseologismos e outra fundamentada no valor semântico-funcional adquirido por eles nos discursos.

Com relação ao primeiro traço, parte dos diferentes graus de fixidez e de idiomaticidade e encontra as seguintes combinações:

- não fixas ou livres: não se tratam de fraseologismos, consistindo nas combinações livres, como em “vou comendo”;
- as fixas: apenas são fixas, mas não demonstram nenhuma peculiaridade de ordem semântica, “dito e feito”, por exemplo;

- as semi-idiomáticas: não possuem um significado literal, no entanto, este significado também não é imotivado, como em “lobo com pele de cordeiro”;
- as idiomáticas: possuem pelo menos um dos componentes carentes de uma identidade e autonomia semântica e se subdividem em:
  - mistas: percebe-se no fraseologismo uma parte meramente fixa e uma parte idiomática, “surdo como uma porta”;
  - idiomáticas com elementos únicos: são aquelas que possuem elementos arcaicos ou oriundos de línguas históricas ou outras línguas funcionais – as que Ruiz Gurillo (1998) denomina de palavras diacríticas – “de sos-laio”;
  - idiomáticas com anomalias estruturais: apresentam anomalias de ordem gramatical ou ausência de um referente reconhecível, como em “fazer por elas”, em que não reconhecemos explicitamente qual é o referente do pronome dêitico;
  - idiomáticas com elementos metalinguísticos ou autodesignativos: em “cair de quatro”, no sentido de ter uma queda e, ao final, permanecer momentaneamente com os joelhos e as mãos no chão, indica-se que o numeral do fraseologismo se refere a quantidade dos membros que estarão em contato com o solo, portanto, há uma aparente “explicação” na unidade fraseológica;
  - as idiomáticas com estrutura regular: a estrutura desses fraseologismos possibilitam ter uma interpretação do que se diz, isto é, no discurso podem ter uma expressão que lhe seja homófona de sentido literal, como em “lamber as botas de alguém”, no sentido de bajular.

Corpas Pastor (1996), por seu turno, acredita serem as locuções atos de fala não completos, porém, uma vez que são unidades fraseológicas, se constituem de combinações de palavras cujo significado não se depreende da soma de seus componentes, além de possuir um caráter idiomático.

Já Ruiz Gurillo (2001) prefere reconhecer como “locução” os sintagmas dotados de uma fixidez na língua e que podem apresentar eventualmente um traço de idiomatidade. Além disso, podem funcionar como diversas categorias gramaticais (como as verbais, as nominais, as preposicionais, dentre outras).

Em um quadro sinóptico, reúnem-se os conceitos dos teóricos citados neste trabalho no que tange ao conceito fraseológico de locuções. Após tecer um breve comentário, expõe-se o posicionamento, desta pesquisa, acerca da concepção de locução.

Quadro 1 – Comparação entre os conceitos de locução.

<b>Zuluaga (1980)</b>	<b>Corpas Pastor (1996)</b>	<b>Ruiz Gurillo (2001)</b>
Concorda com a definição casariana e reconhece que se deve mantê-la como ponto de partida. Além disso, subdivide essas unidades fraseológicas pelos seus traços de estrutura interna e pelo valor semântico-funcional que eles podem adquirir pelo uso discursivo;	Atos de fala não completos cujo significado não se obtém da soma de seus componentes; em alguns casos pode possuir um traço idiomático.	São sintagmas fixos que podem apresentar, em alguns casos, a idiomaticidade. Além disso, são equivalentes a um lexema simples ou a um sintagma e podem inserir-se em diversas categorias gramaticais (como as verbais, as nominais, as preposicionais, dentre outras.

Fonte: elaborado pelo autor.

É possível notar que as classificações de Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) e Ruiz Gurillo (2001) possuem como base os postulados de Casares (1992 [1950]) no que se refere, principalmente, à pluriverbalidade, à fixidez e à delimitação dentro do âmbito oracional. Corpas Pastor e Gurillo chamam ainda a atenção para a figuratividade que essas unidades podem adquirir. Para este trabalho, portanto, e calcado nos referidos autores, definem-se as locuções como elementos compostos por duas ou mais palavras, dotados de uma fixidez na forma e no sentido, delimitados no âmbito da oração e que a ela se submetem semântico-funcionalmente. Ademais, podem manifestar, algumas vezes, a idiomaticidade em distintos graus.

Após a discussão sobre o conceito de locução, o próximo tópico discute teoricamente sobre a classificação dessas unidades.

#### 4 A classificação das locuções

Com relação à classificação mediante o valor funcional do fraseologismos, isto é, por meio das funções sintáticas exercidas por nomes, adjetivos, advérbios, preposições ou conjunções, Zuluaga (1980) classifica as locuções em: locuções equivalentes a unidades gramaticais (as locuções prepositivas, as conjuntivas e as elativas) e as locuções equivalentes a unidades léxicas (as nominais, as adnominais, as adverbiais e as verbais).

Conforme explicita o autor, as locuções equivalentes a unidades gramaticais se configuram como as que possuem um valor semântico que não se relaciona necessariamente a algum aspecto da experiência extralinguística e correspondem às locuções prepositivas, as conjuntivas e as elativas. No que se refere às elativas, definem-se como as que têm a capacidade de elativização, isto é, intensificação, ou de ponderação da expressividade da oração, ao acompanhar os verbos, os substantivos ou os adjetivos, como em “pra caramba” (Maria comeu pra caramba), “dos infernos” (Neste lugar, faz um calor dos infernos), “como uma porta” (Ele é burro como uma porta), dentre outros. No entanto, segundo Ruiz Gurillo (2001), em trabalhos posteriores à obra de 1980, Zuluaga reconhece que, uma vez que podem intensificar verbos, adjetivos ou substantivos, as locuções elativas podem ser incluídas entre as adverbiais (se realçam os dois primeiros) e entre as adjetivais (se realçam os substantivos).

Corpas Pastor (1996), cinquenta anos depois da primeira edição da obra *Introducción a la Lexicografía Moderna*, de Casares, não se distancia no que se refere à definição do termo “locução” construída por esse lexicógrafo. No entanto, ela reduz sua classificação para sete tipos, a saber: as locuções nominais, as adjetivas, as adverbiais, as verbais, as prepositivas, as conjuntivas e as clausais. Chama-se a atenção às clausais, não existentes na teoria casariana, as quais configuram-se como aqueles sintagmas formados por sujeito e predicado (como “sair o tiro pela culatra”, “ir o boi com a corda”, “cair o cu da bunda” etc.).

Embora aos olhos de Ruiz Gurillo (2001), a classificação de Corpas Pastor (1996) seja a mais apropriada, aquela percebe que a teoria desta falha ao não identificar algumas funções de certas locuções que funcionam como um elemento conectivo, mas também são capazes de realçar outros elementos sintáticos presentes na oração (estes são os casos das locuções “no entanto”, “de certo modo”, “no fundo” etc.). Logo, seria mais apropriado denominá-las de locuções marcadoras, uma vez que o termo “marcador”, nos estudos da linguística hispânica, conseguiria retratar toda essa funcionalidade por ora indicada. A classificação de Ruiz Gurillo (2001), portanto, com relação às locuções, ficaria delimitada do seguinte modo: nominais, adjetivais, verbais, adverbiais, marcadoras, prepositivas e clausais.

Conhecidas as locuções equivalentes a unidades gramaticais, demonstram-se, a seguir, as locuções equivalentes a unidades léxicas. Para Zuluaga (1980), elas podem não só equivaler a unidades léxicas simples, mas também (e principalmente) funcionam como tais. A depender do significado categorial que podem assumir, encontram-se as locuções correspondentes às quatro categorias léxicas básicas: o substantivo (que se corresponderá às locuções nominais); o adjetivo (que se corresponderá às locuções adnominais); o advérbio (locuções adverbiais); e o verbo (as locuções verbais).

A seguir, detalha-se sobre as categorias locucionais, mediante a teoria dos autores por ora apresentados. Começa-se pelas locuções nominais.

#### **4.1 Locuções nominais**

Para Zuluaga (1980), as locuções nominais se definem como as que possuem um valor categorial de substantivo e, funcionalmente, podem ser um sujeito (“cabeça de página” – Neste tipo de trabalho, a cabeça de página deve estar toda preenchida com os seus dados), ou um objeto direto (“pé na bunda” – Mario foi pego dormindo no serviço e ganhou um pé na bunda) ou indireto (“bode expiatório” – Para não ser insultado com nomes mais pejorativos e não se aborrecer tanto, Robson preferiu que o



chamassem somente de bode expiatório); ou passando pelo processo de transformação de valor, por meio de uma preposição, assumem a função de complemento adnominal (capa da cangalha – O pecuarista gostaria de saber o preço daquela “capa de cangalha”) ou circunstancial (“pão nosso de cada dia” – A esperança transforma o espírito e a felicidade se encontra nas pequenas coisas de nossas vidas, nas atitudes que fazemos todos os dias, isto sim se trata da alegria no pão nosso de cada dia).

Sobre o tema das locuções denominativas complexas e as geminadas, Zuluaga (1980) defende que unidades, tais como “calça comprida” – quando se refere a um tipo de vestuário – e “jardim de inverno”, a um modo de dispor e decorar um jardim numa residência – não se tratariam de exemplares de locuções nominais, mas dizem respeito às lexias compostas regulares formadas por dois elementos nominais cujos significados unitários contribuem, individualmente, para o significado total da composição lexical.

Baseado em Benveniste, Zuluaga (1980) demonstra como se pode diferenciar essas unidades fraseológicas das lexias compostas, ainda que não se configure numa tarefa simples e de rápida classificação. Quando dois signos nominais passam por um processo de fusão a fim de designar um só objeto (e não dois), o primeiro nome se resguardará com uma classificação própria (a “blusa de frio” é uma blusa, o “carro de boi” continua sendo uma espécie de carro), enquanto o segundo não se revestirá de uma classificação própria, mas sim indicará uma semelhança ou uma função na realidade extralinguística. Tem-se uma relação semântica entre os elementos e não uma relação lógica.

Zuluaga (1980), contudo, adverte que aquelas combinações de palavras que demonstram uma forma material semelhante a que se expôs anteriormente, mas que não sejam passíveis de uma explicação como a apresentada em papel moeda e em carro de boi, pode configurar-se em uma locução. Percebe-se tal fato em “lua de mel”, em que,

embora o segundo elemento possa aparentar funcionar como um especificador, o primeiro não corresponde a um objeto de fato do mundo extralinguístico.

Reitera-se que Zuluaga (1980) restringiu serem as locuções nominais aquelas unidades pluriverbais possuidoras de um valor categorial de substantivo e de um valor funcional de sujeito ou de complemento (verbal ou nominal). No entanto, para este autor, distintamente das lexias compostas, o primeiro elemento dessa unidade pluriverbal não pode remeter-se ao referente extralinguístico que lhe corresponde de fato, como no composto nominal “caldo de cana”, em que “caldo” refere-se justamente a esse elemento no mundo extralinguístico. Já em “casa da mãe Joana”, o elemento determinado não se configura como um tipo de moradia (“casa”), mas a um “lugar em que não se respeitam regras ou não há disciplina”.

A modo de uma síntese contrastiva, é possível assinalar que há, de um lado, as locuções nominais como unidades constituídas por duas ou mais lexias cujo sentido só pode ser obtido pela consideração desses elementos vistos como um todo e compartilhado por uma comunidade linguística. Do outro lado, há os compostos nominais (tanto os coordenados como os subordinados), também unidades pluriverbais, cujo significado das partes contribui significativamente para a compreensão do todo, como em navio-escola ou limpa-botas (engraxate), fato não tão comum para os fraseologismos nominais. Cabe salientar que muitos compostos nominais podem apresentar um grau de metafóricidade (semelhante ao dos fraseologismos), como em “beija-flor” – a estes Zuluaga (1980) os denomina de compostos idiomáticos.

Ao retornar para a discussão sobre as locuções nominais, percebe-se que Corpas Pastor (1996) apoia-se ora nas considerações de Casares ora nas de Zuluaga para defini-las. Para a pesquisadora, essas unidades fraseológicas podem atuar funcionalmente na cadeia da frase como um substantivo ou sintagma nominal. Assim como Gurillo (2001), quem prefere denominar as locuções também como equivalentes a sintag-

mas – haja vista serem elas unidades linguísticas fixas formadas por um núcleo e outros elementos adjacentes – acredita que os reconhecidos como nominais possuem, geralmente, como núcleo um substantivo ou um elemento que funciona como tal. Esta estudiosa, porém, observa que as locuções nominais podem apresentar ao lado deste nome, que constitui o núcleo do sintagma, um adjetivo (“lavagem CEREBRAL”); um sintagma preposicional (“boca DO SERTÃO”); ser coordenado por um outro sintagma nominal (“santo E SENHA”); pode haver a presença (ou não) de um artigo – “(A) casa da mãe Joana”; as com uma estrutura anômala (“o diabo A QUATRO”); as com outras formas de criação (“UM pelo OUTRO”, em que há a junção de dois pronomes indefinidos) ou, como também notou Corpas Pastor (1996), as compostas até mesmo por outro sintagma nominal (“romeu E JULIETA”, referindo-se à combinação do queijo com a goiabada).

#### 4.2 Locuções adjetivas (adnominais)

Quando se refere às locuções adnominais, trata-se daquelas de valor categorial de adjetivo, o qual, semanticamente, possui o traço de determinar qualidades dos substantivos ou suas características. Zuluaga (1980), diferentemente de Casares (1992), prefere utilizar a terminologia “adnominal” em vez de “adjetiva” para essas locuções, devido “no sólo por simetría con ‘adverbial’ sino también por ser el término más adecuado para la función de modificar un nombre o una frase nominal[...]” (ZULUAGA, 1980, p. 155). Já de um ponto de vista sintático, as locuções adnominais podem assumir a função de predicativo. A seguir, algumas locuções adnominais, segundo esse critério: “de bem com a vida” (Tive a felicidade de ver minha avó de bem com a vida antes de ela partir) ou “fora de combate” (Por causa do intenso exercício físico realizado, a instrutora disse a Pedro que ele estava fora de combate).

Com relação às locuções adjetivais, Corpas Pastor (1996) coaduna com os referidos autores ao defender que são elas detentoras de funções sintáticas de atribuição e

de predicação. Observa ainda que, em língua espanhola (e estende-se aqui também para língua portuguesa), é possível incluir nesse tipo de fraseologismo as comparações estereotipadas geralmente formadas com o advérbio “como” (“como um pinto”: Tomou tanta chuva que estava como um pinto); ou por morfemas indicadores de comparativos de superioridade (“mais surdo que uma porta”: Joana é mais surda que uma porta).

Em Ruiz Gurillo (2001), há uma atenção por parte da pesquisadora ao apontar a existência de locuções adjetivas formadas por dois sintagmas adjetivais coordenados (“são e salvo”: Vitório chegou à ilha são e salvo).

#### **4.3 Locuções verbais**

No que se refere à estrutura dessas unidades, Zuluaga (1980) explicita que nas locuções verbais há ao menos um elemento que compõem o fraseologismo que funciona como portador de determinações próprias de unidades verbais simples, como o tempo, a pessoa, o número e o modo e que, por isso, podem ser conjugados. A título de exemplificação, em “pisar na bola”, no sentido de cometer um erro ou engano, há uma palavra plena – pisar – que é passível de alterações de tempo, de pessoa, de número e de modo, além de ser um elemento que pode ser perfeitamente encontrado no sistema léxico de nossa língua se estiver fora da estrutura da locução.

Zuluaga (1980) prefere não incluir entre as locuções verbais as perífrases verbais com verbos morfemáticos ou copulativos (como “andar dizendo”, “está dizendo”), as construções com o modal poder (poder amar), com o auxiliar haver (haver amado) e com o auxiliar ser (ser amado), desde que não possuam uma idiomaticidade e uma fixidez – características típicas dos fraseologismos idiomáticos. Julga-se que se possa adicionar a essa classificação também a não aceitação das formas verbais compostas

pelo auxiliar *ter* (*ter amado*) e os modais compostos pelas unidades léxicas *dever* (*dever amar*), *conseguir* (*conseguir amar*) e *ter de* (*ter de amar*), desde que não possuam ou compartilhem os atributos de fixidez e uma idiomaticidade.

Ainda com relação às locuções verbais, Zuluaga as divide em dois grandes grupos:

1) as locuções que funcionam de forma semelhante a um lexema simples: configuram-se como o núcleo do predicado verbal e podem ser comutadas por uma unidade léxica verbal simples. Além disso, podem ser subdivididas em: aquelas que necessitam de um complemento direto, indireto ou circunstancial (“dar bola para alguém” – Rosa vive dando bola para o Roberto); e aquelas que são intransitivas (David bateu as botas);

2) as locuções que não funcionam como unidades simples e não equivalem a um lexema verbal ou a um sintagma verbal. Contudo, podem exercer a função de predicado verbal (como em “matar dois coelhos numa cajadada só” – Eu estava endividado e gostaria de fazer uma viagem ao exterior. Como ganhei um bom prêmio num sorteio, matei dois coelhos numa cajadada só); ou de predicado nominal (como em “não bater bem”, no sentido de ser amalucado – Mario não bate bem).

### 4.3 Locuções adverbiais

As locuções adverbiais são aquelas que podem possuir os valores sintáticos dos advérbios simples, ou seja, impõem uma modificação ou circunstância ao verbo ou à oração a que se referem.

Com relação ao termo “adverbial”, Zuluaga (1980) explica que tem o significado de “modificador de verbos”, sendo o responsável pela determinação destes elementos que são centrais para a constituição de uma oração. São exemplos desse tipo de locução: “às cegas” – A avaliação de artigos em periódicos científicos deve ser realizado às cegas; e “de peito aberto” – O pobre rapaz contou sua história de peito aberto.

Zuluaga (1980) chama a atenção para o fato de que, muitas vezes, não é óbvio a distinção de quando uma unidade locucional atua como adjetival ou como adverbial. É o caso de “de coração partido”, por exemplo, ao qual somente pelo contexto pode ser atribuída uma classificação mais precisa: O noivo está de coração partido (locução adnominal) pelas atitudes de sua amada/ Os poetas melancólicos devem levar a vida toda de coração partido (locução adverbial).

Para Corpas Pastor (1996, p. 99), as locuções adverbiais são abundantes na língua e abraçam unidades dotadas de diferentes complexidades sintáticas. Ruiz Gurillo (2001) inclui as locuções adverbiais dentro dos sintagmas prepositivos e observa que a maioria dessas se iniciam com a preposição “a” e podem ser incluídas no que as gramáticas tradicionais classificam como os adjuntos adverbiais de modo (a granel; a trancos e barrancos; a trote, dentre outros).

#### **4.4 Locuções prepositivas, conjuntivas, clausais e marcadoras**

As observações de Zuluaga (1980) sobre as locuções prepositivas se direcionam ao fato de que elas exercem a função de transferir um sintagma nominal (ou substantivo) para um sintagma adverbial, como em “na iminência de” (Marcela está na iminência de um surto).

Já Corpas Pastor (1996) salienta que essas unidades podem estar formadas por um advérbio (ou um substantivo adverbializado) + uma preposição ou um substantivo (ou dois coordenados), acompanhados de uma preposição – é o caso de “em torno de” ou “cerca de”. Devemos ressaltar que para serem reconhecidas como locuções prepositivas, os advérbios (ou os substantivos adverbializados) que compõem o fraseologismo não devem atuar como formas autônomas na língua.

No que se refere às locuções conjuntivas, assumem estas a função sintática semelhante às conjunções: aquelas que se classificam como coordenadas relacionam elementos de um mesmo nível sintático, enquanto as subordinativas ligam uma palavra

ou uma sequência oracional com outra oração considerada como dependente ou subordinada (“à medida que”: À medida que falava, mais lhe tirava a paciência). Corpas Pastor (1996), a respeito delas, assinala que, no âmbito da Fraseologia, essas locuções possuem um status vacilante, distinguindo-se das demais, uma vez que não se constituem sintagmas por si só nem são capazes de estruturar, sozinhas, o núcleo desses sintagmas.

Ruiz Gurillo (2001) inclui algumas locuções conjuntivas, bem como certas prepositivas e certas adverbiais, na terminologia de locuções marcadoras, uma vez que conseguem unir elementos, mas também são capazes de matizar ou enfatizar determinados complementos, exercendo, assim, uma função discursiva. É o caso de “no entanto”, “com certeza”, “de fato”, “de todos os modos”, dentre outros.

Para finalizar esta seção, cabe salientar que Corpas Pastor (1996), diferentemente de Zuluaga e de Casares, explicita a existência das locuções por ela reconhecida como clausais, isto é, as formadas por vários sintagmas, dentre os quais um deve ser obrigatoriamente um verbal, e que são detentoras de um sujeito e de um predicado, (como em “encher a boca d’água” – Ao sentir o cheiro do ensopado, minha boca encheu d’água), ou em “sair o tiro pela culatra” – Na tentativa de vingança, o tiro lhe saiu pela culatra).

## 5 Considerações finais

Buscou-se, neste artigo, por meio de teorias fraseológicas advindas dos estudos hispânicos, demonstrar como o conceito de locução é definido pelos linguistas Zuluaga, Corpas Pastor e Ruiz Gurillo. Essa escolha corresponde à importância que esses autores adquiriram na constituição dos estudos em Fraseologia no Brasil. Conforme Fonseca (2018, p.1), “a produção teórica brasileira teve um início tardio [...] e foi bastante influenciada pelos estudos dos países precursores”. Logo, reconhecem-se outras teorias fraseológicas como a de linha francesa – como Gross (1996) e Mejri (2012) – e

norte-americana – como Fraser (1970); Flores D’arcais (1993) – as quais não foram adotadas devido à necessidade de um estudo mais aprofundado, reflexivo e comparativo entre esses e os teóricos de língua espanhola.

Cabe ressaltar que, ao partir-se de um ponto de vista funcional sobre as locuções e ao considerar que essas pertencem a um âmbito oracional, vêm-se considerando nas pesquisas do autor deste presente artigo, diferentemente do que se concebeu em AUTOR (ANO), a classificação de Corpas Pastor (1996) como a mais pertinente aos estudos que este realiza, uma vez que se pode incluir, funcionalmente, por exemplo as locuções marcadoras de Ruiz Gurillo na classificação, a depender do contexto, de conjuntivas (no entanto) ou de adverbiais (com certeza). Todavia, questiona-se sobre as locuções clausais, pois devido ao fato de que sua estrutura poderia extrapolar o âmbito oracional e, devido à função que podem exercer, é muito provável que se classifiquem melhor em outra esfera fraseológica, em especial no que se refere às parêmiias (como as frases proverbiais ou as locuções proverbiais). Lança-se somente o questionamento e se destina essa discussão a um outro momento.

### Referências Bibliográficas

- CÂMARA CASCUDO, L. **Locuções tradicionais no Brasil**. São Paulo: Itatiaia, 1986.
- CANSANÇÃO, J.; MARQUES, E. A. As locuções: uma breve discussão sobre o seu lugar na Fraseologia. **Domínios de Lingu@gem**, v. 9, n. 5, p. 1- 17, dez. 2015. DOI <https://doi.org/10.14393/DLE-v9n5a2015-17>
- CASARES SÁNCHEZ, J. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: C.S.I.C., 1992.
- CORPAS PASTOR, G. **Manual de Fraseología Española**. Madrid: Gredos, 1996.
- CRUZ, T. J. **Bases para a elaboração de um dicionário ideológico de locuções: uma proposta**. 354 p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020.



CRUZ, T. J.; MARQUES, E. A. Locuções: entre as definições de dicionários e do lexicógrafo Julio Casares Sánchez. **Revista GTLex**, v. 2, n. 2, p. 246-262, 2017. DOI <https://doi.org/10.14393/Lex4-v2n2a2017-3>

FLORES D'ARCAIS, G. B. The comprehension and semantic interpretation of idioms. *In: CACCIARI, C. E; TABOSSI, P. (org.). **Idioms: Processing, structure, and interpretation*** Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1993. p. 79-98.

FONSECA, H. Variedade terminológica na fraseologia. **Revista Digital Internacional de Lexicología, Lexicografía y Terminología**, n. 1, 2018.

FRASER, B. Idioms within a Transformational Grammar. **Foundations of Language**, v. 6, p. 22-42, 1970.

GROSS, G. **Les expressions figées du français**, Paris: Ophrys, 1996.

JORGE, G. A tradução nos estudos fraseológicos. *In: ORTIZ ÁLVAREZ, M. L. **Tendências Atuais na Pesquisa Descritiva e Aplicada em Fraseologia e Paremiologia***. v. 1. Campinas: Pontes, 2012. p. 59-84.

MARQUES, E. A.; ISQUERDO, A. N. Locuções no universo lexical pantaneiro: em busca de marcas de idiomatidade. **LaborHistórico**, v. 5, n. Especial 2, p. 172-191, 2019. DOI <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial2.27076>

MEJRI, S. Délimitation des unités phraséologiques. *In: ALVAREZ, M. L. O. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e paremiologia***, v.1. Campinas, SP: Pontes, 2012. p.139-156.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I)**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. **Expressões Idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira**. Tese de Doutorado. Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem-UNICAMP, 2000.

PAMIES, A. A metáfora gramatical e as fronteiras (internas e externas) da fraseologia. **Revista de Letras**, 33/1, p. 51-77, 2014.

RANCHHOD, E. M. O lugar das expressões fixas na gramática do português. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (ed.). **Razões e Emoção**: miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003, p. 239-254.

RUIZ GURILLO, L. **Las locuciones del español actual**. Madrid: Arco/Libros, 2001.

SABINO, M. A. O campo árido dos fraseologismos. **Signótica**, Goiânia, 2011. DOI <https://doi.org/10.5216/sig.v23i2.15226>

TAGNIN, S. E. O. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

VILELA, M. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. **Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto**, vol. 2, 2002. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2002, p. 159-189.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa** (São Paulo) - O estado da arte nas ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia, v. 42 (n. esp.), p. 147-158, 1998.

ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt: Peter D. Lang, 1980.

Artigo recebido em: 30.09.2020

Artigo aprovado em: 11.12.2020